

## Como explicar a autodestruição do III Reich

Mário Beja Santos<sup>1</sup>, [beja.santos@dg.consumidor.pt](mailto:beja.santos@dg.consumidor.pt)

“*Até ao Fim, Destruição e Derrota da Alemanha de Hitler*”, por Ian Kershaw (Publicações Dom Quixote, 2012) é uma obra de leitura compulsiva escrita por um historiador com créditos firmados na investigação sobre a II Guerra Mundial, nomeadamente o seu estudo monumental “*Hitler – Uma Biografia*”, também já editado entre nós.

Atenda-se ao que vem escrito na contracapa: «Os últimos meses da II Guerra Mundial foram particularmente dramáticos de se viver. Níveis inimagináveis de violência destruíram cidades inteiras. Milhões de pessoas morreram ou foram privadas das suas casas, bens e segurança. Sob todos os pontos de vista, era o fim: o fim do III Reich e do seu terrível império. Neste livro, Ian Kershaw escreve os meses finais da guerra, desde a tentativa falhada de assassinar Hitler, em Julho de 1944, até à rendição em Maio de 1945. A questão central que Kershaw tenta responder é a seguinte: o que fez com que a Alemanha optasse por combater até ao fim? Em quase todas as grandes guerras se chega a um ponto em que a derrota parece inevitável para um dos lados beligerantes, e os seus dirigentes chegam a acordo com os vitoriosos, nem que seja para salvarem a própria pele. No caso da Alemanha de Hitler, nada disto aconteceu: no final, o regime teve de ser conquistado aldeia a aldeia, numa espiral de brutalidade sem precedente».

É tentador dar uma resposta pronta: Hitler nunca pôs qualquer hipótese de rendição, agitou mesmo o espantinho de 1918, ele atribuía a derrota e a humilhação da Alemanha a uma capitulação que não devia ter tido lugar. É mais correto perguntar



<sup>1</sup> Técnico Superior da Direcção-Geral do Consumidor, Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

porque é que continuaram a ser obedecidas as ordens autodestrutivas de Hitler, apurar quais os mecanismos que asseguraram, até ao limite, o funcionamento das instituições alemãs e encontrar uma explicação inteligível para a vontade dos homens apoiarem Hitler até ao fim, quando a derrota era inevitável. É essa a investigação monumental a que se abalançou um dos mais eminentes historiadores da II Guerra Mundial. O livro começa em Julho em 1944, depois dos acontecimentos que se seguiram à tentativa de assassinio de Hitler, num tempo em que o exército alemão já estava a ser devastado e recuava no Ocidente, e quando o Exército Vermelho se preparava para infligir uma pesada derrota e avançava impetuosamente a caminho de Berlim.

Este estudo laborioso, redigido magistralmente e que propicia uma leitura avassaladora que vai ao encontro de respostas até agora inexistentes, deixa bem claro que a tentativa de assassinio de Hitler, em Julho de 1944, gerou uma comoção enorme entre os alemães, reconfigurou as instâncias de poder, deixando nas mãos de 4 fiéis de Hitler (Martin Bormann, Heinrich Himmler, Joseph Goebbels e Albert Speer) o controlo absoluto da máquina estatal, levou os alemães a aderirem ao conceito de guerra total, a uma verdadeira mobilização de todos os recursos e a uma determinação de não ceder perante o rolo compressor dos Aliados. Hitler personalizava o nazismo, era chefe de Estado e comandante-chefe das forças armadas, chefe de governo e chefe de partido, gozava de poder carismático, nenhuma entidade desafiava esse poder. E esse poder foi apoiado até ao fim, mesmo quando a Alemanha entrou em implosão e os dirigentes nazis se puseram em fuga ou tentaram mesmo negociações de paz, à revelia de Hitler.

O quadrunvirato constituído por Bormann, Himmler, Goebbels e Speer procurou encontrar resposta para suprir as centenas de milhares de homens mortos, feridos ou prisioneiros, para produzir melhores armamentos e equipamentos e para mobilizar os alemães, dando-lhes uma fé na vitória final. Fizeram-se batalhões com seniores e crianças, formaram-se militares em escassos meses, prometeram-se armas milagrosas, como submarinos e bombardeiros. Generais fidelíssimos a Hitler foram postos à frente de poderosos exércitos que entraram rapidamente em derrocada, incapazes de fazer vergar contingentes muito mais poderosos e bem equipados.

O colapso do Ocidente tornou-se uma realidade em Julho de 1944, parecia que os Aliados não poderiam ser contidos, em Setembro esses exércitos avançavam imparavelmente para a Alemanha. No espírito da guerra total, foram deslocados para a

frente ocidental centenas de milhares de homens e a guerra estabilizou durante meses, ao que parece por falta de articulação entre os altos comandos. Em Dezembro, terá lugar nas Ardenas a última ofensiva alemã que prenunciou a derrocada. Recorde-se que a Luftwaffe, a aviação alemã, ia paralisando gradualmente quer por destruição dos seus aviões sem qualquer substituição quer por falta de combustível. Os bombardeamentos aéreos eram contínuos, destruindo instalações industriais e redes de transporte. Com o recuo a Leste, perdeu-se o acesso ao petróleo da Roménia, foi um dano irreparável. Aos poucos, esses bombardeamentos afetaram o abastecimento de gás e eletricidade, destruíram a rede ferroviária, pontes e estaleiros. Speer, o ministro do Armamento, revelou-se um génio da logística, fabricou-se em condições verdadeiramente épicas que também ilustram a coesão dos alemães e também graças ao recurso bárbaro dos trabalhadores estrangeiros.

Perdidas as ilusões depois da ofensiva das Ardenas, a Leste os exércitos soviéticos revelaram o seu alto poder destruidor, foram devorando exércitos, divisões de tanques, no fim de Janeiro chegavam à Prússia. A população civil alemã defrontava-se com horrores indescritíveis e fugia em pânico. O autor recorda a disparidade ou desequilíbrio colossal das forças em confronto: «Ao longo de toda a frente oriental, de cerca de 2400 km, a superioridade estimada do inimigo era imensa: 11 vezes mais infantaria, 7 vezes mais tanques, 20 vezes mais armas, 20 vezes mais fortes em poder aéreo». Assistimos ao desastre militar do exército alemão e à agonia inimaginável da população civil apanhada na ofensiva, é uma descrição arrepiante. A fé em Hitler tinha já enfraquecido, a Alemanha era um país cada vez mais pequeno, ninguém acreditava que fosse possível uma reviravolta. Recorreu-se ao terror, puniu-se com a pena de morte todos aqueles que davam sinais de derrotismo ou os desertores, o partido nazi foi-se dissolvendo, o caos das evacuações invadiu o quotidiano dos alemães. E depois a batalha de Berlim, o suicídio de Hitler, por fim a rendição incondicional. Como escreve o historiador, «Só então, em condições de total colapso e impotência, se cortaram com relutância os laços que ligavam a chefia militar a Hitler e ao seu regime».

Como é que isto foi possível? A existência do nazismo aparecia aos olhos dos alemães completamente entrelaçada com a defesa do país e da terra, no seu íntimo, os alemães rejeitavam a ocupação estrangeira; a repressão pelos tribunais marciais foi exemplar, e a maioria dos alemães considerou que não podia fazer nada, continuou a lutar, muitas vezes com fatalismo; depois do atentado de Julho de 1944, o partido nazi

parecia ter recuperado um novo alento e embrenhou-se no esforço coletivo; era impossível confrontar Hitler num grupo organizado, político-militar, Hitler personificava todas as instituições alemãs; o corte com Hitler só aconteceu no colapso, dois altos dirigentes: Göring e Himmler, encetaram por conta própria contactos com os Aliados, aliás, sem seguimento.

A Alemanha conseguiu lutar até ao fim porque as estruturas do poder deram um contributo decisivo: «As elites dominantes, divididas como estavam, não possuíam nem vontade coletiva nem os mecanismos de poder para evitar que Hitler levasse a Alemanha à destruição total».

Leitura imperdível.